

INVESTIGANDO MEMÓRIAS MIDIATIZADAS ¹

questões metodológicas, pistas e constatações

Jiani Adriana Bonin ²

Resumo: *O propósito deste artigo é explorar questões teórico-metodológicas e resultados de uma pesquisa que teve como objetivo investigar o papel das mídias na constituição de memórias de imigrantes e descendentes, na perspectiva da recepção. Neste sentido são recuperadas linhas de construção da problemática investigada, questões metodológicas postas pelas necessidades da investigação empírica e exploradas algumas constatações obtidas a partir de dados provenientes de uma primeira etapa de pesquisa empírica realizada com imigrantes e descendentes de imigrantes italianos, que permitem visualizar modalidades de ação da mídia e sua relação com outros agentes na constituição da memória destes sujeitos.*

Palavras-Chave: *Midiatização. Memórias coletivas. Recepção.*

1. Introdução

A problemática da memória, que vem instigando o trabalho de reflexão de pensadores e pesquisadores de campos científicos diversos, situados em contextos diferenciados, ganha particulares contornos³ num contexto de midiatização da sociedade, quando os processos de constituição das memórias sociais também são penetrados pela ação das mídias. Tal realidade nos desafia a pensar, via investigação, as particularidades desta ação configuradora.

As transformações da memória cultural de grupos de imigração histórica (italianos) e contemporânea (argentinos) são o foco da pesquisa *Mídia e memórias: palimpsestos*

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho “Recepção, Usos e Consumo Midiáticos”, do XIX Encontro da Compós, na PUC-RJ, Rio de Janeiro, em junho de 2010.

² Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da UNISINOS; Email: jianiab@unisinobr

³ Entre eles Rossi (2003), Ricoeur (2003), Todorov (2000, 2002), Le Goff (2003), Martín Barbero (2001), Sarlo (2007), Huyssen (2000, 2005), Candau (2002), Montesperelli (2004) e Berger (2005).

mediatizados de memória étnica na recepção,⁴ que investiga as configurações de memória destes sujeitos, buscando compreender o papel das mídias e suas relações com outros âmbitos em sua constituição. Neste texto buscamos explorar algumas questões relacionadas à construção metodológica da pesquisa empírica assim como algumas constatações advindas de uma primeira etapa desta investigação. Antes, porém, consideramos importante indicar, ainda que brevemente, linhas de problematização teórica que sustentam a problemática investigada.

2. Linhas de problematização teórica

Dois eixos vertebram a problematização teórica desta investigação, um referente à compreensão do conceito de *memória coletiva* e outro à *questão da ação mídias nos processos de constituição das memórias*. Vejamos alguns de seus contornos.⁵

Na construção do conceito de memória coletiva, as formulações clássicas de Maurice Halbwachs vão atentar para a dimensão propriamente social da memória. A memória coletiva é pensada como a seleção, interpretação e transmissão de certas representações do passado a partir do ponto de vista de um grupo social determinado (Halbwachs, 1990). O pensamento deste autor acentua o caráter seletivo da memória social, seu papel de reforço na coesão social pela adesão afetiva ao(s) grupo(s) de pertencimento.

O conceito de memória coletiva conserva fecundidade para pensar formas de consciência do passado de alguma maneira compartilhadas pelos sujeitos dos grupos que investigamos. É possível pensar que eles partilham certos marcas de memória e que elas colaboram para a adscrição e adesão afetiva ao seu grupo. Entretanto, nas complexas condições de vida nas sociedades atuais, consideramos que cada indivíduo pode impor seu próprio estilo a estas marcas, dependendo de sua trajetória de vida, dos contextos vivenciados, entre outros fatores.

Os conflitos, as relações de poder e, principalmente, a ação das mídias na constituição das memórias são dimensões não problematizáveis a partir desta linha de pensamento. No aporte de autores como Pollack (1989) encontramos vias para considerar os processos, as

⁴ O projeto, sob minha coordenação, conta com financiamento da UNISINOS (estrutura e bolsa de iniciação científica) e da FAPERGS (bolsa de iniciação científica). Trabalharam nele os bolsistas Bruno S. Alencastro (BIC-FAPERGS) e Stefanie Telles (UNIBIC-UNISINOS).

⁵ As formulações teóricas aqui recuperadas são melhor desenvolvidas em outro texto. Ver neste sentido BONIN (2006).

disputas e os atores que intervêm na configuração das memórias. Nesta perspectiva, os marcos sociais de memória são o resultado, nunca adquirido definitivamente, de conflitos e compromissos entre distintas memórias. Diferentes grupos e agentes competem pela hegemonia sobre os discursos plausíveis e relevantes sobre a memória dentro da sociedade e em seu conjunto. A noção de *memória enquadrada* é proposta pelo autor para pensar a construção de memórias sociais por agentes diversos, atentando para o trabalho de fabricação (que inclui, por exemplo, a escolha das testemunhas autorizadas a falar) e de controle sobre estas memórias. Esta proposição nos incita a pensar e problematizar a questão da *ação das mídias nestas memórias que investigamos*.

O conceito de midiaticização, que busca considerar os redesenhos e alterações que se dão em diversas dimensões da realidade social a partir da penetração das mídias, nos permite pensar que também no âmbito da constituição das memórias sociais as mídias vêm atuando como matriz, racionalidade produtora e organizadora de seus sentidos, na linha proposta por Mata (1999). Seguindo Henn (2006, p.179), pensamos que as mídias passam a constituir um “*lugar privilegiado para os agenciamentos envolvendo a memória coletiva e, sobretudo, o enquadramento da memória.*” Esta noção de enquadramento é recuperada do trabalho de Pollack e pensada também desde a perspectiva da hipótese da *agenda setting*, em sua proposta de que os produtos noticiosos não apenas definem uma agenda a ser pensada, mas também as formas como pensar estas questões a partir daquilo que incluem e excluem, das hierarquizações e dos enfoques propostos, segundo suas lógicas próprias definindo, portanto, o que da realidade é relevante. Nesta linha, as mídias podem ser vistas como produtoras de enquadramentos que podem incidir nas configurações das memórias dos grupos, bem como na instauração de esquecimentos.

Por outra parte, é importante levar em conta que as configurações de memória dos grupos investigados dão-se num contexto de transformações da temporalidade social e da experiência do tempo, provocada pela intersecção entre mudança tecnológica, mídia e novos padrões de consumo, trabalho e mobilidade global, assim como pela obsolescência dos objetos cotidianos, requerida e planejada pelo mercado, da qual faz parte a acelerada sincronidade produzida pelos meios (MARTÍN BARBERO, 2001; HUYSSSEN, 2001).

Consideramos também, seguindo argumentos de Martín Barbero (2006), que as mídias, ao instaurar novos modos de narrar, configurados por seus dispositivos, gêneros e linguagens, potenciam a coexistência de códigos e relatos diversos que incidem sobre a experiência de

conformação dos relatos de memória. A experiência multifacetada da recepção hoje, configurada por múltiplos *palimpsestos* midiáticos de memória, assim como as especificidades da gramática narrativa dos relatos midiáticos, instituem uma experiência de fragmentação/proliferação dos relatos.

Com base nestas formulações, pensamos que a memória dos sujeitos dos grupos investigados deve estar sofrendo transformações e que a mídia deve estar atuando como agente importante de configuração e transformação dos *lugares ou enquadramentos de memória* – produção marcada por suas matrizes, seus gêneros, suas modalidades narrativas e sua racionalidade de produção de sentido – assim como de esquecimentos. Pensamos também que nestas configurações de memória midiaticizada articulam-se marcas coletivas/individuais fabricadas em outros lugares: na experiência cultural e vivencial dos sujeitos, constituídas desde seu lugar social, dos contextos de seu mundo da vida e das redes de relações que aí se estabelecem – âmbitos que podem ser pensados como *mediações* (MARTÍN BARBERO, 1997). Neste sentido, certos referentes de memória podem funcionar como operadores de apropriações e de reconstruções na relação com a memória étnica midiática.⁶ É atentando para o jogo entre estes *outros lugares* e a ação da mídia, em suas convergências e conflitos, que se abrem possibilidades produtivas para entender a conformação destes *palimpsestos* midiaticizados de memória, dos conflitos que os marcam e do sentido particular que adquirem.⁷

3. Questões metodológicas

Empiricamente estas questões são investigadas, na pesquisa aqui em foco, desde o âmbito da recepção. Assim, os **relatos de memória midiaticizada** dos sujeitos são tomados como dados empíricos fundamentais, o que representa desafios no sentido da construção metodológica de procedimentos para a captação destes relatos.⁸

⁶ A apropriação é aqui entendida na linha de Certeau (1996), como possibilidade de fabricação que se faz notar na forma de empregar os produtos.

⁷ A noção de *palimpsesto* é originalmente utilizada por Martín Barbero (1997) para pensar a trama de textos e de matrizes culturais presentes nos gêneros e por Martín Barbero e Germán Rey (2001, p.63) para pensar em textos nos quais “*um passado apagado emerge tenazmente, embora imprecisamente, nas entrelinhas escritas pelo presente*”. Apropriamo-nos dela para pensar a trama de referentes, midiáticos e não midiáticos, que se inscrevem na memória dos sujeitos investigados.

⁸ Os procedimentos metodológicos de coleta de dados incluem uma etapa de pesquisa exploratória realizada a partir de entrevistas com uma amostra de sujeitos dos grupos investigados e uma etapa sistemática, em profundidade que inclui a captação de relatos de memória midiaticizada e também observação com registros fotográficos. Aqui nos ateremos à reflexão sobre questões relativas ao método de coleta de *relatos de memória*

Desde esta perspectiva trabalhamos, para pensar e implementar a coleta do que estamos chamando de *relatos de memória midiaticizada*, considerando reflexões de autores de outros campos que têm obrado na apropriação de métodos como a *História de Vida*. As indagações de certos autores⁹ nos ajudam a pensar que, para pesquisar os processos de recepção midiática, as apropriações deste método no campo da comunicação devem ser *orientadas para apreender dimensões da vida dos sujeitos e dos grupos que permitam compreender sua relação com as mídias*, o que poderia também ser pensado como uma *história de vida midiática* - que deve incluir, a nosso ver, dimensões midiáticas e comunicacionais necessárias para a compreensão do fenômeno em questão, de acordo com a linha de compreensão que trabalhamos para pensar a midiaticização. No caso específico da investigação aqui referida, a orientação do relato deveria se dar em direção às memórias midiaticizadas dos sujeitos (o que inclui as marcas de memória midiática e outras que se articulam a elas).

Algumas questões e desafios se colocam na construção destes relatos de memória midiaticizada, que nos conectam com discussões empreendidas em outros campos de saber. Uma primeira questão é que entre as experiências vividas pelo sujeito e sua elaboração em forma de relato se interpõem, necessariamente, uma diversidade de elementos configuradores do produto deste relato.¹⁰ O que obtemos não é um relato da experiência objetiva tal como vivida no seu acontecer, mas das marcas que se configuraram na memória do sujeito e que são evocadas numa situação específica de trabalho de rememoração: conformadas pela situação concreta da pesquisa, pela relação que se institui entre os sujeitos (entrevistador e entrevistado), pelo desenho concreto que se faz do procedimento, entre outros fatores, que permitem (ou impossibilitam) o trabalho de reconstrução da memória, incidindo sobre a sua constituição.

mediaticizada, posto que é central no desenho metodológico da pesquisa. Algumas das reflexões aqui recuperadas são trabalhadas em BONIN (2008). Aqui elas ganham novos contornos e especificações decorrentes do avanço da investigação e da reflexão provocada pelo estudo de outros autores empreendido posteriormente.

⁹ Neste sentido Bertaux, interrogando o uso deste método para a perspectiva etnosociológica, lembra que “*se se quer poner el relato de vida al servicio de la investigación hay que concebir-lo de forma distinta*” (2005, p.36). Ele observa que interessa para o campo da etnosociologia o relato de dimensões da vida do sujeito relacionadas às problemáticas deste campo, que se orientam para as práticas, as ações dos sujeitos em situação social. Isto implica orientar o método para a captura de práticas ou ações em situação (descrição das experiências vividas pelo sujeito e dos contextos em que estas experiências se desenvolveram), o que caracteriza tal relato como *orientado por um filtro*. Queiroz (1983) também propõe trabalhar com *depoimentos pessoais* que se concentram em acontecimentos marcantes e, ou lapsos de tempo que interessam às problemáticas investigadas no âmbito sociológico, relativas às experiências vividas “*no interior de uma realidade social*” (p.70).

¹⁰ Esta questão é refletida por de Bertaux (2005).

Examinemos mais de perto o que constitui este trabalho, adotando a perspectiva de certos autores. Ricoeur (2003) lembra que esta problemática tem larga história, na qual as idéias de Aristóteles são uma referência importante. Este pensador distingue dois modos de constituição das recordações: a *mnémé*, também chamada de evocação simples, que faz referência a uma recordação que vem à mente em forma de lembrança espontânea, sem esforço e a *anamnésis*, que consistiria numa busca ativa, num trabalho de reconstrução, racionalmente orientado. Estas formas de evocação do passado, como lembra o autor, encontram equivalência na proposta bergsoniana de *memória espontânea e laboriosa*, a primeira também associada à memória que assoma à consciência sem esforço e a última, àquela que decorre de esforço intelectual.

Na concepção de Bergson (1999), o passado se conserva em uma espécie de fundo memorial, não diretamente acessível à mente. Para trazê-lo à consciência, faz-se necessário um esforço de intelecção, que se realiza guiado por um esquema dinâmico orientador da direção deste esforço. No movimento da memória que trabalha, este esquema inicial serve de apoio para um processo laborioso que permite que a recordação pura atravesse distintos planos da consciência e se condense na forma de recordação-imagem, forma intermediária do processo. No ato de reconhecimento (que alcança seu desenvolvimento no sentimento do já visto), opera-se finalmente a rememoração, que leva a recordação a uma área semelhante à percepção. Para que este processo se instaure, é necessário que o indivíduo adote uma atitude de abstração do presente, dando lugar e valor ao ato de rememoração.¹¹

Tomando esta proposta para pensar o processo de rememoração, vemos que ele demanda certas condições para se realizar, que incluem abstração do presente e esforço de labor por parte do sujeito que lembra. Transladadas estas questões para as particularidades que assume este processo em situação de pesquisa, impõem-se desafios metodológicos significativos. Como gerar condições para que se efetive nesta situação?

Atentando para o trabalho de autores como Bosi (2003) e Queiroz (1983),¹² divisamos argumentos que nos levam a pensar que é importante considerar a temporalidade no processo de coleta de dados para que se instaurem condições produtivas para a rememoração – que

¹¹ Tal concepção do processo de rememoração, tomada do trabalho de Bergson, está presente no trabalho de Ricoeur (2003) e de Bosi (2003), guardadas as especificidades de suas propostas.

¹² Estas duas pesquisadoras trabalharam com adaptações do método da *História de Vida* para operar com problemáticas do campo da psicologia social e da sociologia, respectivamente. Ver Bosi (2003) e Queiroz (1983).

permitam, por exemplo, desencadear esforços de rememoração entre sessões de entrevista. Levando em conta esta questão, temos trabalhado o desenho temporal da coleta de dados de maneira a ter sessões entre lapsos de tempo que permitam ao sujeito trabalhar em processos de rememoração. Estas sessões, pensadas estrategicamente no tempo possibilitariam, então, capturar este trabalho processual que acontece entre as mesmas.

Também no sentido de estimular a rememoração – e na perspectiva de ofertar elementos para guiá-la – é importante considerar a questão de que certos objetos e artefatos, ao propiciar aos entrevistados elementos do contexto em relação ao qual se reportará a rememoração, podem facilitar este trabalho. Neste sentido, Ricoeur (2003) também refere o papel significativo do que denomina de *reminding*,¹³ que aludiria a indicadores encaminhados a proteger contra o esquecimento (como fotografias, cartões postais, notas) e que funcionariam como pontos de apoio para o processo de rememoração. Halbwachs (1990) também faz referência a este papel de apoio que certos elementos têm, aludindo ao espaço e aos objetos que participam da trajetória biográfica dos sujeitos; faz particular referência ao espaço aonde os grupos vão imprimindo sua marca, que funciona como elemento onde o passado se presentifica de algum modo.

Já tivemos a oportunidade de observar o potencial da fotografia no trabalho de acionamento da memória em uma pesquisa de recepção que investigou a recepção da telenovela *Suave Veneno* por famílias de camponeses descendentes de alemães e italianos.¹⁴ Ao coletar narrativas sobre as famílias e os conflitos na telenovela investigada, percebemos em alguns casos a dificuldade de rememoração livre. Para potencializar este trabalho, experimentamos o uso de fotografias dos personagens, que se mostrou um recurso significativo no sentido de estimular as rememorações (BONIN, 2001). Com base nesta experiência e de outros autores com uso de elementos de apoio à rememoração, como¹⁵ estamos projetamos, na construção metodológica dos relatos de vida comunicacionais/midiáticos do projeto *Mídia e memórias*, o uso de materiais midiáticos que se mostrarem relevantes na memória dos entrevistados em sessões iniciais.

¹³ Esta expressão, em como elementos para esta discussão, são recuperados pelo autor do trabalho de Casey (1987), intitulado *Remembering*.

¹⁴ Trata-se da investigação *Identidade étnica, cotidiano familiar e telenovela*, realizada como Tese de doutorado na Escola de Comunicações de Artes da Universidade de São Paulo (BONIN, 2001).

¹⁵ Em seu livro *Antropologia visual: a fotografia como método de pesquisa*, Collier Jr. (1973) relata e reflete sobre o uso de fotografias e de objetos como no trabalho de rememoração a partir de seu uso em investigações.

A relação entre pesquisador e pesquisado é outro ponto nevrálgico neste acionamento e tem que ser estabelecida em base de confiança e cumplicidade. Neste processo, a atividade de escuta é um exercício fundamental, como bem observa Bosi (2003). Estas questões apontam para a necessidade de instituímos, no processo de construção e uso de métodos deste tipo, a necessária reflexão para compreendermos elementos condicionantes daquilo que estamos colhendo nestes relatos e para a fabricação inventiva dos mesmos.

4. Explorando as memórias midiáticas dos italianos entrevistados: pistas e constatações

No que se segue trago algumas pistas e constatações relacionadas à problemática investigada advindas de análises de dados obtidos numa primeira etapa desta pesquisa.¹⁶ Esta primeira etapa, de caráter exploratório, foi empreendida com uma amostra de 16 italianos, de composição diversa em relação à escolaridade, profissão, sexo e trajetória de vida - dimensões que consideramos importantes para pensar diversidades de configuração de memórias midiáticas.¹⁷

Os dados coletados revelam que a mídia está implicada, em maior ou menor grau, na produção de marcas de memórias destes sujeitos. E que esta ação se concretiza de formas diferenciadas e produz resultados diversos de acordo com experiências, relações cotidianas e consumos midiáticos dos sujeitos ao longo da sua trajetória.

A presença destas marcas midiáticas de memória varia em intensidade nos relatos. Vários fatores parecem estar implicados nestas variações figurando, entre eles, a particularidade da trajetória de consumo dos entrevistados e sua relação com as distintas mídias. E aqui uma distinção que se apresenta recorrente é a presença menos significativa de referências de memória midiática entre os idosos, que contrasta com uma expressiva

¹⁶Algumas das constatações aqui recuperadas já haviam sido exploradas em textos anteriores (BONIN, 2009a e 2009b). Elas foram aqui revisitadas e repensadas, assim como pistas e constatações são aqui trabalhadas, a partir de análises posteriores à publicação daqueles textos.

¹⁷ A coleta de dados, nesta fase, foi realizada a partir de uma entrevista semi-estruturada, orientada por um roteiro contendo blocos de questões relativos à memória midiática, memória comunicacional, definição identitária, perfil sócio-econômico e trajetórias de migração. A primeira etapa de coleta de dados relativos a esta pesquisa foi realizada em 2007. Uma segunda etapa foi realizada, no segundo semestre de 2009, com uma amostra de seis sujeitos participantes desta primeira etapa, escolhidos conforme distinções que se mostraram relevantes para entender a configuração das memórias midiáticas nestes grupos. Estes dados ainda estão em trabalho de análise.

evocação de memórias constituídas nas trajetórias de vida destes sujeitos e nas relações comunicacionais do cotidiano. Nesta constatação, coloca-se como dimensão relevante a própria história de aparecimento e consolidação das mídias, na medida em que está implicada na configuração de distintas trajetórias de consumo midiático.

Se observarmos estas marcas de memória midiáticas sob o aspecto de distinção das recordações configuradas nos relatos, uma característica relevante é que as lembranças, em geral, não evocam singularidades episódicas ou acontecimentos particulares, mas se constituem como marcas de tipicidades, esquemas ou matrizes – um dos modos mnemônicos que Ricoeur (2003) aponta, ao propor uma tipologia que busca pensar as recordações em termos de diferenciação das marcas de memória.¹⁸

Esta constatação parece apontar para a rememoração de temas e de modalidades de enquadramentos destes temas recorrentes nas mídias. Mas a força destes esquemas não parece explicar-se somente por pela ação recorrente da mídia; encontramos, também, relações de similaridade e de complementaridade entre as marcas midiáticas e outras relacionadas a vivências do passado e constituídas nas relações comunicacionais do cotidiano.

Entre os italianos, há uma presença significativa, nas marcas de memória midiática, de um enquadramento calcado nas dificuldades, no espírito de empreendimento, em valores como força de vontade, perseverança e na exaltação das conquistas dos imigrantes. Tal enquadramento colabora para mascarar contradições sociais e para a persistência de uma visão etnocêntrica dos italianos como grupo que tem como uma das marcas distintivas a superioridade do trabalho e do empreendimento – marca esta que estaria na base do progresso econômico deste grupo e das cidades que fundaram. Exemplifiquemos estas constatações com o depoimento de Maria do Rosário (51 anos), filha de pai italiano e de mãe brasileira.¹⁹ Suas marcas de memória midiática mais significativas remetem a recordações relativas a documentários assistidos na RBS TV (ela aponta como marcantes). Nelas se pode vislumbrar o enquadramento a que aludimos.

(...) eles chegaram, todas as dificuldades que eles passaram quando eles chegaram aqui, até conseguir construir uma estrutura que facilitasse um pouco mais a vida deles. Eles chegaram aqui sem nada e tiveram que plantar pra conseguir comer, caçar o que aparecesse no meio do mato para conseguir alimentar a família e aí

¹⁸ Isto difere de outras formas de memória, onde se observar, conforme o mesmo Ricoeur, um leque de possibilidades entre o que ele chama de memória episódica, singular, e memória de generalidades.

¹⁹ Esta entrevistada nasceu no Uruguai e veio para Bento Gonçalves (RS, Brasil) com 19 anos, onde se casou com um descendente de italianos. Atualmente mora em Novo Hamburgo (RS, Brasil).

mostraram o que eles conseguiram hoje, o que significa pro Estado hoje o fato deles terem vindo. Porque se tu imaginar que eles chegaram aqui com os filhos e uma trouxa de roupa e mais nada, e deram um pedaço de terra numa encosta e hoje tu vê cidades como Bento, Caxias, Farroupilha e Garibaldi! Como aquela trajetória conseguiu dar um resultado como esse! (...) eles com a perseverança, a vontade, a garra, conseguiram fazer uma cidade como Bento, como Caxias, que são pólos na economia do Estado, muitas até do Brasil. (Maria do Rosário, 51 anos).

Este enquadramento, pelo que observamos em pesquisa anterior, está presente na cobertura regional que a RBS realiza deste grupo étnico (BONIN, 2007). Mas se pode vislumbrar que foi constituído também no contato com outras mídias locais e regionais consumidas pela entrevistada, assim como nas relações comunicacionais vividas no contexto de Bento Gonçalves, destacando-se aqui o papel da sogra no sentido de contar a ela a memória dos antepassados, entre outros possíveis. Neste sentido, é possível propor que a mídia televisiva regional (no caso a RBS TV) figura como agente importante na instituição desta matriz de enquadramento da memória étnica, mas também se articula com a seleção do passado trabalhada por outros agentes deste contexto local/regional.

As marcas midiáticas de memória têm, em muitos casos, relação significativa também com outras advindas da trajetória de vida dos sujeitos e das relações comunicacionais estabelecidas nesta trajetória. E esta constatação nos encaminha para outra modalidade de ação da mídia: é possível ver que certos referentes de memória midiática agem como *pontos de apoio para a rememoração* – na linha proposta por autores como Ricoeur (2003) e Halbwachs (1990) – de vivências dos entrevistados ou mediadas por relatos de outros agentes do cotidiano. Se tomarmos como modelo para entender este trabalho de rememoração a proposta bergsoniana, podemos pensar que estes referentes midiáticos atuam como elementos constitutivos dos esquemas suscitadores da lembrança quando esta deve, de recordação pura, transformar-se em imagem que permite o seu reconhecimento no processo rememorativo. A mediação destes processo, conforme Bergson (1999), é realizada por esquemas que guiam o trabalho de lembrança e seria este um papel que também estariam realizando os referentes midiáticos. Vejamos, a título de exemplo, este fragmento do relato de um agricultor aposentado de 65 anos, nascido em Linha Feliz (RS) e hoje residente em Igrejinha (RS), ao recordar da telenovela *O rei do gado*:

Sim várias coisas assim eu até que guardei [da novela O rei do Gado], como o sistema do *cáspita* [referindo-se ao personagem Geremias Berdinazzi (...) da família italiana com rigor, levar a família sempre na dureza. Eu me lembro disso, que eles eram duros, rigorosos. (...) Antigamente muita gente era por ali mesmo, era duro,

naquele sistema rígido. Os últimos anos isso está mudando, mas quando eu fui criado, o sistema do meu pai e da minha mãe, era rígido, do meu sogro. Quando chegava alguma visita na casa do meu pai, quando chovia, os vizinhos iam lá tomar um chimarrão, porque não dava pra trabalhar na roça, o meu pai só dava uma olhada e nós sabíamos. Não precisava dizer nada, era só dar uma olhada que nós pegávamos à porta, ia pro galpão, ia descascar milho. (Dalmo, 65 anos, agricultor aposentado).

Em nível coletivo, certos relatos também apontam para o uso de referentes das mídias em processos de rememoração do passado com apoio de outros, que se ajudam mutuamente na reconstrução de memórias, tal como constatou Strohschoen (2003) em sua pesquisa relativa à recepção de *Terra Nostra* por italianos.

Neste sentido podemos pensar que as mídias operam também como estímulos para a *rememoração de certos acontecimentos* direcionando, neste processo, o que se lembrar do fundo memorial que os sujeitos detêm (e conseqüentemente, também, atuando sobre o que esquecer). Este parece ser o caso, entre os italianos, da cena fundante de vinda, reconstruída na telenovela *Terra Nostra*, lembrada por um número expressivo de entrevistados, referindo-se também a relatos ouvidos de avós ou bisavós, ou de marcas de memória que remetem a costumes culturais como a culinária, a dança, etc., bastante presentes na cobertura da mídia regional.

A ação de estímulo à rememoração também pode suscitar recordações dissonantes em relação aos enquadramentos ofertados pelas mídias, momento em que as marcas de memória relativas a vivências ou relatos de outros agentes do cotidiano assumem força enquanto enquadramento legítimo da memória, funcionando como operadores de apropriação (Certeau, 1996). Os casos extremos, dentre outros entrevistados italianos, são representados por pai e filho nascidos na Itália que migraram para o Brasil, vivendo hoje em Novo Hamburgo. Ao relatarem suas lembranças midiáticas, questionam agendamentos e enquadramentos de memória italiana na mídia regional. Um fragmento do relato do filho, mostrado na sequência, ilustra estes questionamentos: “O que eu me lembro de cultura, de tradição é bem diferente do que a gente vê aqui da cultura italiana, que é tudo polenta, galeto. (...) talvez as pessoas que trouxeram a tradição italiana pra cá, são do final do Século XVIII, então, se passou um século.” (Giovanni, 26 anos, empresário).

Persistem também certas marcas de memória que não parecem ter conexão com aquilo que a mídia pauta. É o caso da memória da campanha da nacionalização, que se mantém

como marca de memória subterrânea (Pollack, 1989) nos relatos de alguns dos idosos entrevistados que viveram este período, em função da proibição da língua. É interessante notar como estas marcas não encontram um sentido mais amplo, ou seja, não alcançam situar-se em relação aos acontecimentos históricos que determinaram estas vivências.

A persistência de marcas como estas, assim como aquelas relativas a vivências do cotidiano, sugere que as mídias não respondem pela totalidade de elementos rememorados pelos entrevistados. No caso destas modalidades de memória, expressam-se particularmente marcas de vivências relacionadas ao trabalho, aos modos de vida, à culinária, à prática da língua, particularmente entre os entrevistados de mais idade. Mas ainda nestes casos se pode suspeitar que as mídias colaboram oferecendo estímulo à rememoração destes referentes, já que estes temas estão presentes, como observamos em pesquisa anterior (BONIN, 2007), em construções midiáticas como as da RBS TV (RS).

Outro ponto que observamos é que os acontecimentos biográficos são os que mais se destacam nos relatos, o que sinaliza para a questão de que parece estar se restringindo a extensão temporal da memória étnica (em termos de constituição de uma memória intergeracional). E isto tem certamente relação com aquelas transformações, apontadas por autores como Martín Barbero (2001) e Huyssen (2001, 2005) da experiência do tempo, relacionadas às mudanças tecnológicas, aos novos padrões de consumo, à planejada obsolescência dos objetos cotidianos pelo mercado, à acelerada sincronicidade produzida pelos meios e à multiplicação de referentes.

Pode-se pensar, por outro lado, que a mídia opera no sentido de reconectar, de certa maneira, esta memória natureza individual (biográfica) e familiar, íntima, com uma memória de natureza mais extensiva destes grupos. Isto se revela com particular força em termos de uma memória coletiva local e regional (de imigrantes italianos nos estados da Serra Gaúcha, em muitos casos), mas também em termos nacionais e mesmo globais. Em relação à memória midiática de caráter marcadamente nacional, destacam-se as telenovelas *Terra Nostra* e *Esperança*, cujas referências permitem a alguns entrevistados pensar em semelhanças e distinções em termos dos contextos vividos por migrantes do sudeste e do sul. Em se tratando de marcas de caráter global, destacam-se aquelas relativas ao consumo de programações de canais de TV como a RAI, de rádios italianas consumidas pela internet (caso de jovens), de filmes e de música italianos.

Referências

- BERTAUX, Daniel. **Los relatos de vida. Perspectiva etnosociológica**. Barcelona: Ediciones Bellaterra, 2005.
- BERGER, Christa. Proliferação da memória: a questão do reavivamento do passado na imprensa. In: BRAGANÇA, A.; MOREIRA, S. V. (orgs.) **Comunicação, acontecimento e memória**. São Paulo: Intercom, 2005, p.60-69.
- BERGSON, Henri. **Matéria e memória. Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BONIN, Jiani Adriana. **Identidade étnica, cotidiano familiar e telenovela**. 2001. 410 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2001.
- BONIN, Jiani Adriana. **Mídia e memórias: delineamentos para investigar palimpsestos midiáticos de memória étnica na recepção**. *Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos*, n.2, v. 3, São Leopoldo, 2006, p.133-143.
- _____. Mídia televisiva regional e identidade étnica: a RBS e as configurações da identidade italiana na recepção. *Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos*, n.2, v. 9, São Leopoldo, 2007, p. 91-103.
- _____. A dimensão metodológica na pesquisa comunicacional e os desafios da observação em perspectiva histórica. In: Bonin, Jiani Adriana; Maldonado, Efendy; Rosário, Nísia Martins do. (Org.). **Perspectivas metodológicas em comunicação: desafios na prática investigativa**. 1 ed. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2008, v. , p. 135-152.
- _____. Mídia e memórias: explorações sobre a configuração dos palimpsestos midiáticos de memória étnica italiana. *Comunicação, Mídia e Consumo* (São Paulo), v. 6, p. 83-102, 2009a.
- _____. Mídia e memórias sociais: recepção midiática e configurações de memória italiana (RS). **Contracampo** (UFF), v. 20, p. 79-93, 2009b.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: Lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- _____. **O tempo vivo da memória**. Ensaio de psicologia social. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- CANDAU, Joel. **Antropologia de la memória**. 1. ed. Buenos Aires: Nueva Visión, 2002.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
- COLLIER JR., John. **Antropologia visual: a fotografia como método de pesquisa**. São Paulo: EPU/Editora da Universidade de São Paulo, 1973. 208 p.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- HENN, Ronaldo. Direito à memória na semiosfera midiaticizada. *Revista Fronteiras – Estudos midiáticos*, n. 3, v.8, São Leopoldo, 2006, p.177-184.
- HUYSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- _____. Resistência à memória: usos e abusos do esquecimento público. In: BRAGANÇA, A.; MOREIRA, S. V. (orgs.) **Comunicação, acontecimento e memória**. São Paulo: Intercom, 2005. p. 26-36.

JELIN, Elizabeth. **Los derechos humanos y la memoria de la violencia política y la represión: la construcción de un campo nuevo en las ciencias sociales**. Buenos Aires: Instituto de Desarrollo Económico y social, 2003.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Unicamp, 2003.

MALDONADO, Efendy. Produtos midiáticos, estratégias, recepção. A perspectiva transmetodológica. **Ciberlegenda**, n.9. p. 1-15 2002. Disponível em: <www.uff.br/mestcii/efendy2.htm> Acesso em 20/08/2007.

MARTÍN BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

_____. El futuro que habita la memoria. **PCLA Revista científica digital**, n. 3, São Paulo, 2001, p.1-18. Disponível em: <www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista7/artigo%207-1.htm^>. Acesso em: 10 de abril de 2009.

_____. Tecnicidades, identidades, alteridades: Mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In MORAES, D. (org.) **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. p.51-79.

MARTÍN BARBERO, Jesús; REY, Germán. **Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva**. São Paulo: SENAC, 2001.

MATA, Maria Cristina. De la cultura masiva a la cultura mediática. **Diálogos de la comunicación**, n. 56, Lima, 1999, p. 80-91. Disponible en <www.felafacs.org/dialogos>. Acesso en: 20 de marzo, 2009.

MONTESPERELLI, Paolo. **Sociología de la memoria**. 1. ed. Buenos Aires: Nueva Visión, 2004.

POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos históricos**, n. 3, v. 2, Rio de Janeiro, 1989, p.3-15. Disponível em: <http://www2.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf>. Acesso em: 10/06/2007.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. São Paulo: CERU e FFLCH/USP, 1983.

RICOEUR, Paul. **La memoria, la historia, el olvido**. Madrid: Trotta, 2003.

ROSSI, Paolo. **El pasado, la memoria, el olvido**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2003.

SARLO, Beatriz. *Tempo Passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras/Belo Horizonte/UFMG, 2007.

STROHSCHOEN, Ana Maria. **Mídia e memórias coletivas**. 2003. 211 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). Unisinos, São Leopoldo.

TODOROV, Tzvetan. **Los abusos de la memoria**. Barcelona: Paidós, 2000.

_____. **Memoria del mal, tentación del bien: indagaciones sobre el siglo XX**. Barcelona: Península, 2002.